

Pássaro.doc

Vilma Arêas

(pensando em Confissão, de Carlos Drummond de Andrade)

Perfeitamente audível, a voz era um fio, vinda de muito longe. Mas bateu o telefone gritando que não se ouvia nada, não se ouvia nada naquela droga de país. Depois ligou para todo o mundo mas os telefones estavam ininterruptamente em comunicação. Começou a busca desesperada a uma carta e a uma foto antiga. Uma carta que tinha guardado entre as páginas de um livro, cujo título esquecera. Acabou por esbarrar numa pilha que caiu com estrondo, arrastando objetos que se espatifaram e os livros ficaram espalhados no chão misturados aos cacos. Lembrava-se do final de uma frase : uma pequena lembrança para quem está tão longe de mim também. De que ou de quem estaria também longe ? Sentou-se, ficou imóvel. Depois gemeu e disse alto, me ajudem, embora não houvesse ninguém à vista. Do horizonte vinha aquele pássaro azul e doido. As asas brilhavam, pareciam úmidas as asas do avião. Não é brincadeira perder um filho, disse o pai. Recuperou assim o filho morto como filho, que não era. A narina esquerda desenhada pelo friso de sangue coagulado, o bigode um pouco ruivo torcido pela gaze apertada ao redor do rosto ferido. Espelho baço os olhos abertos, grandes, vazios de melancolia. Uma e outra pessoa disfarçadamente apalpavam a cobertura de flores do corpo, a investigar se ainda sobrara corpo. A memória debateu-se, boiaram destroços. Do que restou como compor um homem? As concordâncias vegetais, a suavidade. Havia murmúrios e olhos escondidos debaixo de um catre. O filho entrou tropeçando nos bancos e gritando: como pôde fazer isso comigo, eu que te adoro tanto. Dúvidas perturbadoras no balcão da funerária. Cem era muito caro, cinquenta muito pouco, com o irmão sobrevivente escolheu uma coroa de setenta. O amor e a saudade de sua família, disse. Sua ou nossa? Ficou nossa. Vinha azul e doido e se esfacelou contra a asa do avião. Nauseante o cheiro das flores também mortas. Foram comer pastel no bar. Venderiam naquele instante a alma por um copo de cerveja. Finalmente estava deitado ao ar livre ao cair da tarde como uma folha. Em seguida enterrado na sepultura da mãe que anos a fio regara de lágrimas, escovara com escovinha especial, sabão em pó, apetrechos. As coroas foram dispostas pelos funcionários em forma de leito, com seu travesseiro de folhas e flores. Mas o leito estava vazio e ele, embaixo. Como o cemitério está abandonado, sussurrou uma tia, dolorosa. Abandonado?, retrucou o pai, cada dia vem mais gente prá cá. Isso é o resultado da falta de religião, disse outra. Iniciaram uma discussão e quase se atracaram. Vinha soprando um ventinho fresco do Paraíba do Sul. O cortejo começou a se dissipar. Pensou: tão longe de mim também. Azul e doido. De repente começaram a surgir crianças esfarrapadas de trás dos túmulos. Imploravam moedas. Qualquer moedinha servia, iam ajuntar e depois tomar café com pão na esquina, pois estavam com fome.